

## Um missionário salesiano às margens do Tiquié na Amazônia brasileira.

[Pesquisa realizada pelo P. Antenor de Andrade, sdb].

CDB

BS 1 (1920) 52-56, 86-89

Viagem missionária do Prefeito Apostólico Mons. L. Giordano ao Alto Rio Negro e alguns de seus afluentes como o Tiquié - os tucanos - de maloca em maloca - última meta da viagem - como vestem os tucanos - língua - o tipo tucano - a maloca - uma noite na maloca - trabalhando - comidas e bebidas - um pouco de doutrina - ligeira indisposição - cenas comoventes - idéias religiosas dos tucanos - uma festa para festejar a visita do Pahy - batizados - o adeus

Há outra cópia deste relatório em *Traços biográficos de Monsenhor Lourenço Maria Giordano*, São Paulo, 1979, pp., 74-125. Contém algumas diferenças, inclusive quanto à data que segundo o *Autor desconhecido*, é de 01 de março de 1918 e não 1917. O BS traz 1917.

São Gabriel, 01 de março de 1917

### No reino dos Tucanos – De maloca em maloca – Última meta da viagem

Os selvagens são considerados pelo Governo como proprietários dos imensos terrenos que se estendem dos confins do Brasil até à Colombia, cuja extensão, fertilidade e população se ignora, e onde não chega o civilizado senão por via fluvial e unicamente de passagem. Estamos por conseguinte á porta do reino de Tucano ou dos Tucanos, que vivem a muitos dias de distancia da foz do Tiquié. Viajamos toda a noite. Digo missa muito de manhãzinha sem perda de tempo para o vaporzinho<sup>1</sup>, cujo andamento regular é de nove milhas geográficas<sup>2</sup> por hora. Por ambas margens se desdobram espessas florestas onde a mão do homem não entrou a modificar a obra caprichosa da natureza. Reina ao redor um silêncio sepulcral, interrompido apenas de vez em quando pelos gritos estridentes de bandos de papagaios, ou pelo canto melodioso de algum pássaro peregrino ou ainda pelos tiros de espingarda do Sr. Manduca<sup>3</sup> sobre uma *anta* que lhe escapa, ou sobre um *carcará* ou um pássaro *mergulhão*.

Aqui acode-se á memória a história de cadáveres mutilados e deitados ao rio; a sorte tristemente celebre de um tenente e do seu companheiro apanhados desaparecidos perto d'ali e trucidados. Cenas selvagens! É um pais misterioso! Depois de viajar todo o dia, tarde alta chegamos a *Manha-uitera*. D'uma pequena cabana saem três índios quase de costumes adamíticos, aos que saudamos em *Nheengatú*, e que eles entendem e falam discretamente: o Sr. Manduca escolhe um d'elles afim de que nos sirva de práctico do rio; e continuamos a viagem. A's 8 da manhã do 6, festa da Epifania, chegamos a *Tucano-Cachoeira*, onde está o *tuxaua* (chefe) Miguel. Saltamos em terra, e vejo por vez primeira uma *maloca*, ou casa, dos índios, que chama muito a minha atenção pelo seu tamanho; está somente um índio de sentinela, Joaquim; os demais estão a caçar, a pescar ou trabalhar. Celebro missa na *maloca*, e, dirigindo ao Evangelho a palavra aos companheiros de viagem, recordo-lhes, pelo dia que é o dever de imitar aos Reis Magos, fazendo conhecer e amar ao Divino Salvador.

Embarcados de novo logo ás 10, chegamos a *Tapira-Cachoeira* a isso do meio dia, ás 14 a *Urayti*, e depois das 17 a *Uira-poço* á maloca do *tuxaua* Francisco. Fui recebido com temor reverencial. Distribuí imediatamente medalhas, que todos aceitaram com respeito. Alguns passavam as mãos pela batina beijando-as depois; varias mães apresentavam-me os meninos: eu abençoava-os colocando-lhes a mão sobre a cabeça que elas depois estreitavam

<sup>1</sup> Tinha a potência de sete cavalos.

<sup>2</sup> Comprimento de um minuto do equador terrestre, equivalente a 1.865 metros (Dicionário Aurélio).

<sup>3</sup> Cooperador rionegrino. Chefe da expedição missionária que constava de 14 pessoas.

ao peito. Os rapazes vinham a principio com receio; mas perdiam-no, chegando-se com confiança assim que viam que eu os olhava com ares de predilecção. Estas scenas impressionantes repetiam-se em todas as partes. Ao dia seguinte, 7 de Janeiro, disse missa na *maloca* rodeado dos índios. Prosseguindo a derrota<sup>4</sup> encontramos o *tuxaua* Joanico d'Esteio (São José) que vinha rio abaixo em canoa com muitos índios; e como eu oferecesse uma medalha aos que estavam mais á beira, todos se abalançaram para recebê-la também, faltando pouco para que a embarcação se virasse e afundasse. Passado *Esteio* fizemo-nos encontradiços com o *tuxaua* José Pacuemo de *Pary-Cachoeira*, que também vinha rio abaixo com outros índios em canôas carregadas de farinha de mandioca. A's 11 chegávamos a *Floresta* (São João) donde é *tuxaua* Manuel Caetano, que é talvez o índio que há chegado a entender melhor que qualquer outro a importância da nossa missão. Em todas as *malocas* que visitávamos o Sr. Manduca ordenava aos índios que não saíssem, e àqueles que encontrávamos a caminho que parassem ou voltassem ás suas *malocas* para receber a visita do *Pahy* (Missionario). Obedeceram todos. Finalmente, depois de *Maracajá-ponta*, a *maloca* dos *Dessana* donde é *tuxaua* Antônio Caetano, chegamos a *Pary-Cachoeira*, isto é, á meta forçada da nossa viagem; pois o rio não é mais navegável por falta de profundidade. O *Tiquié*, tão grande na desembocadura (um quilômetro de largura), se vai estreitando pouco a pouco até 50 ms. que é o ponto até onde chegamos. Apenas em terra, eis o *tuxaua* José. Saudando-me em *Nheengatú*, se disse feliz por encontrar-me entre a sua gente, e apresentou-me a sua primeira mulher e o filho Joaquim de 18 anos, que lhe herdará o titulo de *tuxaua*. Com ele também estava o *pajé*.

#### **Vestidos e língua dos Tucanos – O tipo tucano – A maloca – Uma noite na maloca – A trabalhar**

Como poderei agora, Rev.mo Sr. D. Álbera, manifestar-lhe as minhas impressões acerca do reino dos Tucanos? Não serei capaz. Os homens não usam vestidos, e as mulheres não o teem melhor: estas apresentaram-se cobertas desde a cintura até aos joelhos. A'quela vista experimentei sem querer grande repugnância, pois pareceu-me contemplar n'aquelles miseráveis o desprêso á minha própria humanidade; mas invadiu-me logo o sentimento da mais profunda compaixão. Quisera naquela hora dar toda a minha roupa e ficar unicamente com a batina! Ao mesmo tempo provei um desejo forte, irresistível de recorrer aos países mais civilizados e pedir a todos: ricos e pobres, grandes e pequenos, os meios para remediar esta penúria extrema e cobrir a nudez phisica e moral destes infelizes. Dizendo missa nas *malocas* nos dias anteriores, enquanto os índios cheios de curiosidade observavam os mais pequenos movimentos, eu esforçava-me por combater a emoção que se apoderava de meu coração: mas quando o dia depois da chegada a *Pary-Cachoeira* celebrei na margem diante daqueles dois ranchos chegada á elevação arrasaram-se-me os olhos de lágrimas, e pedi então a Jesus Sacramentado com todo o fervor da minha alma concedesse àquela pobre gente a graça de conhecê-lo e amá-lo quanto antes! Também nas preces ao fim da missa, áquellas palavras "*exules filii Evae*<sup>5</sup>" tornei a sentir a mesma comoção.

Ah! Ignoro que haja em toda a terra filhos de Eva mais distantes da pátria] do próprio país] que estes! Disse-lhes alguma palavra, e estou um pouco satisfeito por ver que entenderam que o *Pahy*<sup>6</sup> que contemplavam e ouviam, era um enviado por Deus para fazer-lhes o bem.

Esperava achar índios que falassem a língua geral, o *Nheengatú*, pois desejava ouvi los e, depois da pouca teoria alcançada com o estudo, exercitar-me em falar: estava ansiosos de

<sup>4</sup> Rota percorrida por uma embarcação no mar ou rio.

<sup>5</sup> Filhos errantes de Eva.

<sup>6</sup> Padre.

pôr-me em comunicação com eles para instruí-los. Mas eles falam a *Gíria*, espécie de dialecto Tucano com muitas vozes nasais, que é a língua geral o que é o piemontês ao [para o] italiano. Somente os *Tuxauas* e alguns poucos sabem o *Nheengatú* e alguma palavra portuguesa. O tipo Tucano é de presença bastante boa. De estatura regular, tez bronzeada clara, cabeça e olhos redondos, cabelo em geral preto e curto, oferece um complexo de proporções tão agradáveis que, a não ser dotado de movimento, seria uma artística estatua de bronze. De olhar tímido, mas de gestos desembaraçados, afeiçoa-se facilmente a quem se mostra seu amigo: mas torna-se logo desconfiado se olham para ele de soslaio. Guarda no peito rancor, e vingá-se terrivelmente de quem o maltratar. Ao Missionário do Tucano (e em geral dos selvagens), são necessárias duas virtudes: caridade no coração, e prudência nas maneiras.

O Tucano pode dizer com mais verdade que o filósofo "*Omnia mecum porto*<sup>7</sup>". Por vestido leva a *poira*, isto é, um ramo de miçanga ao pescoço, ou ordinariamente um cordão com um pedaço de mármore branco e nada mais! Não atormenta as orelhas, o nariz e os lábios com arrecadas; mas por ocasião das festas tatua o rosto e o corpo com diferentes tintas. As palavras: litteratura, arte, officio são para ela ocas de sentido. O seu comercio por falta de moedas consiste em trocar objetos, v. g. farinha por *cachaça*. Pesca com rede e frecha, e é um hábil caçador de arco e espingarda. Tendo um indo recebido de Sr. Manduca oito balas para caçar um[a] *anta* (anfíbio do tamanho de um vitelo), chegou em pouco tempo trazendo duas.

O Tucano vive na *maloca*, que manhã e tarde lhe serve de dormitório, cozinha e refeitório.

A *maloca* é sucessivamente officina para os trabalhos domésticos, local de reunião na época das chuvas e salão de baile nas grandes solennidades. É o lugar onde o Tucano vive, morre e é enterrado. A *maloca* para o Tucano é o mundo. E em realidade ela é bastante espaçosa: a sua superfície vai de 40 a 50 metros por 14 a 20, e tem 12 metros de altura ao meio, e 2 nas partes laterais. Parece uma estação de caminhos de ferro com duas grandes entradas, abertas quase sempre, e varias portas pequenas aos lados, que se abrem exclusivamente no caso de necessidade. A armação é de madeira escolhida: o resto de palmas ou palha, que é preciso renovar ao cabo de poucos anos.

Quis fazer um estudo atento sobre o Tucano, seguindo os seus movimentos diários. Para começar desde a manhã cedo as minhas observações, obtive de passar uma noite na *maloca* em um ângulo cerca da entrada sem ninguém saber nada amenos o *tuxaua*. A's 10 já estavam todos nas suas repartições; divididas como grandes celas, cada um na sua própria rede (e eu na minha). Havia um silencio profundo, e rompia a escuridão o clarão avermelhado de uma fogueira, que, como se disseram depois, uma das mulheres mais velhas mantém sempre acesa. Perto das 4 da manhã notei que se levantavam todos (e eu com elas), e, divididos em grupos foram tomar banho no rio. De volta começaram a preparar o almoço: cada lar fazia o seu; no fim foi posto no meio, repartindo-o as mulheres primeiro aos homens e logo entre si. Depois de almoçar saíram quase todos: os homens a pescar, caçar ou preparar novos terrenos, derribando arvores; as mulheres para a lavoura ou a lenha, voltando a tempo para fazer a cozinha. O cuidado dos meninos está á conta das mães, que os tratam com carinho verdadeiramente maternal. Levam-nos consigo [consigo] enquanto [enquanto] são pequenos, ora ao colgo, ora nas ilhargas e ora juntos ás costas, dentro de uma cesta.

### **Comidas e bebidas – Um pouco de doutrina – Indisposição ligeira – cenas comovedoras**

As comidas são simples em numero, qualidade e maneira de tomar. A mesa sobre a qual as colocam são as mãos. Tudo o que caçam ou pescam carregam-no bem de *kiinka-pira*

---

<sup>7</sup> Tudo que tenho levado comigo.

(pimenta cozida). Empregam o *impadú* feito de folhas da planta d'este nome misturadas com algumas de bananeira, secas e reduzidas a pó, que tomam aos poucos, ou chupam de um saquinho feito da casca de *turury*, que é uma arvore muito porosa. O seu pão é o *curadá*, elaborado com a flôr da farinha de mandioca a que agregam ordinariamente dois terços de farinha menos espoada. As bebidas são varias e nutritivas. Como a *chicha* entre os Patagones, ocupa o lugar de honra o *cachiry* que se prepara com a massa de três medidas de mandioca descascada e de oito de mandioca com a pelle. Bem espremida dá um liquido de nome *manipuera*, que é já de per si uma bebida excelente. Depois de bem seca ajuntam um pouco de flôr de farinha parte cozida e parte mastigada. O Sólido e o liquido deitam-no todo n'um recipiente, deixam-no a fermentar doze horas, e o *cachiry* está feito pelas mulheres e bebido pelos homens. O *capy* é uma devoção [devoção, substância vegetal] da casca de uma planta trepadeira chamada *capy* e da de outra trepadeira cujo nome ignoro, a que ajuntam uma pequena dose de tabaco queimado. É curioso o efeito desta bebida! Não embriaga, mas excita terrivelmente os nervos e aquece a imaginação até fazer vê reptis, pássaros, espelhos, estrelas, etc. A visão fantástica chega a durar mais de uma hora. A *pupunha*, preparada com a fruta de uma espequei de palmeira do mesmo nome, é uma bebida inocente. Primeiro deitam os grãos num recipiente de agua tépida para amolecer a película que os envolve; logo, tirada esta, machucam-nos e passam-nos com agua por uma peneira para outro recipiente. O liquido assentado se bebe com assucar. Provei todas as comidas: fiz mil visagens ao provar a *kiinha pira*, pois achei mais picante que o famoso *Carurú* da Bahia; bebi com prazer a *pupunha*, saboreei o *cachiry*: mas não quis tomar o gosto ao *capy*.

Reuni os rapazes maiores para lhes ensinar ao menos a sigla da Santa Cruz em *Nheengatù*, permitindo, antes melhor bem, desejando que assistissem as pessoas de maior idade. No fim dei a todos um santinho e um cigarro como prêmio; e quando vi por um lado o embarço por não saberem onde guardar a estampa e por outro a desenvoltura em expirar o fumo do tabaco dei a rir até apertar as ilhargas. No dia seguinte celebrei n'uma insua [ilha] no meio de um panorama encantador, assistindo muitos índios de cerca e de longe. Fui depois visitar os trabalhos campestres, fruto exclusivo do suor das pobres mulheres, que são consideradas como escravas. Enquanto contemplava as plantações de *mandioca*, *amacacheira*, *pimenta* e *padú* feitas com instrumentos primitivos, chegaram cinco mocetões que carregaram ás costas molhos de folhas de padu para preparar dois dias de [f]estas. Quis observar mais de cerca o modo de arranjar as comidas e as bebidas na *maloca* convertida em grande laboratório [oficina] com fogos particulares acessos nas quatorze repartições das 14 famílias e outro quase no meio. A' tarde senti-me um pouco indisposto: hei-de atribuir a causa á vida sedentária nos barcos e vaporzinhos, aos esforços para entender a fazer-me entender das gentes, e sobre tudo ao indigesto e mal cozido *curadá*; mas isto passou com um pouco mais de descanso pela manhã. Os meus neófitos, vendo que eu não aparecia, desceram ao rio voz em grita para chamar a minha atenção. Abri então a janelinha do batel onde estava estirado sobre a maca, e vi-os a nadar e a fazer piruetas: para enxugar-se iam a rebolar sobre a areia, mas voltavam daí a pouco á agua para limpar-se de novo. Isto trouxe-me á lembrança o mudinho de Silvio Péllico<sup>8</sup> nas *Minhas prisões*.... causando-me bastante comoção. Presenciei ainda outra cena enternecedora. Acabavam de chegar de *malocas* muito distantes diversos ranchos de Tucanos: mas tiveram de esperar muito para me ver e apresentar os seus meninos a fim de que eu os abençoasse: queriam também uma medalha. Pedi ao Senhor que me fizesse sofrer, mas que não privasse os meus pequenos indígenas e aqueles pobres peregrinos da satisfação de ver o *Pahy* que podia ser-lhes um principio de salvação.

---

<sup>8</sup> Silvio Pellico: Poeta, patriota e escritor [1789-1854] de Saluzzo, Itália. Preso pelos austríacos em 1820, foi condenado à morte, tendo posteriormente a pena comutada para trabalhos forçados. Em 1832 publicou *Le mie prigioni*, obra escrita durante a prisão, onde mostra profundos sentimentos religiosos.

## Ideias religiosas dos Tucanos – Uma festa para celebrar a visita do Pahy – Os baptismos – O adeus!

O desejo de conhecer as ideias religiosas dos Tucanos era natural; mas por mais que averiguas[s]e pouco ou nada cheguei a descobrir, ou porque não pude fazer-me entender, ou porque elas não se sabem expressar, ou porque recusam revelar. O que, sim, posso afirmar é que eles não são idólatras. Crêem n'um certo *Bucianassú* (serpente colossal) que os transportou do mar para o *Caiary* deixando um vestígio no *Ipanoré-Cachoeira*: veneram-no como espírito bom. Crêem também no *jurupary* ou espírito mau (como os *Bororos* em *Bope*), e celebram uma festa em sua honra. Para isto transmitem o anúncio a grande distancia de igual maneira que costumamos nós cá por periódicos [jornais]; chegada a hora da cerimonia participam o começo com toques de trombetas como nós com os sinos. Estas trombetas são de tamanho descomunal. Estão feitas de casca de árvores e de bambu e ocultam-nas já em lugares inacessíveis, já nas profundidades dos rios: produzem um som lúgubre que se assemelha ao rugido de animais ferozes. Levam-nas a miúdo homens bizarramente vestidos e que de forma alguma têm de ser vistos por mulheres sob pena de morte: por isto é que as mulheres, assim que ouvem ao longe o som profundo e metuendo, para evitar a perigosa curiosidade e ainda a mera suspeita, correm a esconder-se, e não saem dos seus esconderijos até não terem desaparecido por completo os portadores de tão horrorosos instrumentos. As festas chamam-se *Dabucury*. Primeiramente oferecem frutas e outros dons, depois açoitam reciprocamente o corpo. A seguir veem diferentes géneros de danças, acompanhadas de solenes bebedeiras. Durante a reunião observam rigorosamente a separação de sexos e, devendo sair, fazem-no por grupos. Quando dançam dão unicamente um braço ao companheiro ou á companheira. Pergunto eu a mim mesmo: e o *jurupary* será por ventura um culto misterioso em honra de *Jurupary* (demónio), ou será, dada a proibição ás mulheres sob pena de morte, uma invenção capciosa dos aborígenes a fim de exercer melhor predomínio sobre elas? Eu não acho resposta satisfatória a estes dois punhos interrogativos. O que é certo é que urge instruir o Tucano nas verdades da nossa Santa fé e educà-lo no cumprimento da Lei cristã e da sociedade civil. Só então é que desaparecerão, se bem pouco a pouco, os *Jurupary* com as flagelações, borracheiras [bebedeiras], danças e desnudezes. A graça de Deus e o zelo do Missionário produzirão a difícil transformação. As 15 eu estava ainda bastante débil; mas com um esforço teria podido cumprir o programa traçado de baptizar 25 índios apontados. Os meus amigos de viagem, demasiado caridosos da minha pessoa e pouco dos baptizados, julgaram conveniente mudar a função para amanhã depois da missa. Aceitei, e para distrair-me um pouco fiz uma pequena excursão. Não muito longe da *maloca* descobri um grupo de índios formados militarmente. Que fazem? Soube que o *tuxaua* mais o seu conselho haviam determinado dar um *jurupary* para celebrar a visita do *Pahy*: o projecto, porém, não foi aprovado, e tiveram que contentar-se com uma festa moderada. Eu por conseguinte pude observá-los bem. Parecia-me assistir aos preparativos de uma representação teatral de usos da idade media como fazíamos *in illo tempore* em Lanzo, pero *mutatis mutandis*, quando era director D. Lemoyne e meu professor o saudoso bispo salesiano Mons. Lasagna[.] Todos estavam pintados de linhas em todas as direcções desde a cabeça até aos pés; uns atavam um cordão com escamas á maneira de guizos sobre a panturrilha, outros braceletes nos pulsos e colares ao pescoço, outros ainda cingiam a cabeça com elmos de penas de cores variegadas de papagaios, araras, garças e colibris, rematados por um vistoso penacho, de crinas, que desciam suavemente pelas costas, e lhes davam o aspecto de officiais de exercito vestidos de grande gala. Começa a festa. A *maloca* está convertida numa grande sala sem ornatos. Além da rigurosa separação entre homens e mulheres descubro aqui e acolá numerosos grupos de pessoas de pé, ou assentadas em bancos compridos e de pouco altura. Os guerreiros avançam para o centro com um bastão nodoso na mão direita e com a esquerda

estendida sobre o combro direito do vizinho. Caminham marcando passo, mas de flanco, já para a direita e já para a esquerda, e batendo fortemente o pé direito para fazer retinir os guizos (!). Acompanham estas evoluções com um canto monótono de vozes barytonas que se a[s]semelha, mais que a hino guerreiro festivo, a uma psalmodia ou canto triste religioso. A narração destes cantos é de feitos fabulosos de pássaros, ursos, caçadas, etc., argumentos todos tirados do reino zoológico em uma língua que somente elles entendem. Vem depois o tempo do descanso, que aproveitam para receber, dois a dois e com determinadas cerimoniaes, os ardentes refrescos do *cachiry*, *capy*, etc., que tolhem logo as forças da cabeça para dá-las provisoriamente ás pernas: estas, dobrando-se d’ahi a pouco, dão com os dançantes em terra.

Aproveitam também o tempo do descanso para sair em grupos, cada um dos quais saúda em alta voz aos companheiros que não dançam: repetem o mesmo quando entram. Ouve-se durante todo o tempo o bisbilhotar continuo dos circunstantes e os rancos de notas discordantes daqueles instrumentos de cascas de árvore, de canas de bambu e de ossos de animas. Ao tormento do ouvido ajunte-se o da vista, quando os últimos resplendores do sol já no ocaso se confundem com a luz incerta e pálida das fogueiras!...Eu passeava no vestibulo e os observava de fora pedindo informações para fazer ideia clara da dança, mas depressa me cansei, e retirei-me.

Ao outro dia pela manhã digo missa a bordo do batel. A assistência é numerosa e variadíssima. A margem ao meu lado está coberta de Tucanos em todas as posições; de joelhos, de pé, assentados, de cócoras, ou estendidos ao comprido sobre a areia, ou subidos ás arvores. É a reprodução da cena da primeira Missa na Terra da Santa Cruz com as variantes de tempo lugar e pessoas. E ali na margem administro o Baptismo a todos os que havia tomado em nota, menos a alguns que exigiam o seu padrinho, e o padrinho não estava, e nós não nos podíamos demorar mais. Concluída a função e dado o adeus aos amigos, nos embarcamos, e o vaporzinho se pôs em movimento. Eis então a ultima surpresa. Os rapazes deitam-se todos á agua de tropel e, nadando, vão surgir em cima de um baixio que está no meio do rio. Eu saúdo-os comovido: “*Eré, eré*” adeus, adeus!

Sigo a saudá-los com a mão, a abençoá-los, agitando depois o lenço: elles permanecem quedos e com os olhos fitos em nós. Que quadro estupendo! O vaporzinho recorreu já meio quilômetro: o grupo, porém ainda não se desfez, nenhum se move. “*Eré, eré!*” digo sempre e cada vez mais comovido, mas a minha voz morre nos lábios: contemplo-os ainda na sua imobilidade [sic] distintamente, depois em confuso...Agito por ultima vez o lenço, pronunciando o ultimo *eré*... o vaporzinho, que segue o álveo do rio descreve uma curva e o grupo desaparece... Mas eu conservo ainda impresso na retina dos olhos aquela pinha de índios a reflectir nas aguas cor de céu e a que fazia corôa o espesso arvoredo das florestas, que se estendem pelas margens. Esse quadro vivente tenho-o cá dentro no coração gravado de modo indelével. Durante esta viagem assisti a muitas despedidas de índios e civilizados mas nenhum grupo me impressionou tanto como aquele baixio animado. Ah! D. Bosco, abençoai-os desde o céu, pois são vossos filhos! Maria Auxiliadora tomai-os debaixo do vosso manto maternal! Fazei que presto (sic) sejam todos regenerados nas aguas baptismas, e que os filhos dos seus filhos aprendam um dia a amar-Vos em mil oratórios festivos!...

[CDB. BS 3 (1920) 86 – 89. Continuação da carta anterior]

### **Descendo o Tiquié – Imensidade da messe – Dois espetáculos – A ultima missa nas malocas – Nas cascatas**

Ao descer o rio provava um pouco de tristeza. Pensava que havia outras *malocas* e outros Tucanos da outra banda de *Pary-Cachoeira*, acima, ao comprido do Tiquié e aos lados

dos afluentes e confluente. E mesmo que tivesse podido visitar todas as tribos tucanas, restaria ainda para ver a dos *Macus*, completamente selvagens, que para evitar todo consorcio humano, vivem afastados dos rios lá no coração dos matos. Alimentam-se quis [e] exclusivamente de frutas, e para passar a noite e defender-se das inclemência do tempo improvisam um teto de paus e ramas. Os *macus* são de todos os selvagens os mais esquivos e por isto vivem abandonados e desprezados por todos. Ademais, a imensa zona do Tiquié é apenas uma pequena parte do extenso campo da nossa Missão. Veja, Revmo. Sr. P. Álbera, com quanto razão não lhe dizia que o que eu vi *vidi* não era senão uma mínima parte do que havia de ver... E o que convém fazer O *vici*, venci?

Se, ao ir rio acima, tinha observado alguma desconfiança nos *tuxauas* ou capitães, e timidez, senão medo, em todos os índios, á volta vi que tudo isso tinha desaparecido e que os sinais de respeito e afeto eram mais francos. O Pahy, além de ser o representante de Deus, é um homem popular e amigo especialmente dos rapazes, que lhe saem ao encontro para levá-lo á *maloca*. Quando vínhamos rio abaixo, encontramos de vez em quando canoas com índios de volta de Pary-Cachoeira, e outra vez se repetiam as cenas de cumprimentos que duravam até perder-nos de vista, apesar dos esforços dos remeiros para estar sempre ao lado do vaporzinho. Cumprimentamos ao *tuxaua* e aos tucanos de Santarém e tendo ido a ver a maloca de Maracajá uma boa velhota saudou-me dando com a voz, acompanhada de muitos gestos e palavras, a escala cromática. Que lhe havia eu de responder? Agradei-a muito e lhe prometi que nunca diria nada a ninguém do que me acabava de confiar! E manterei sempre a palavra, pois do que me disse não entendi nem patavina. Não é esta, porém, a primeira vez que ouço da boca de pobres índias e na linguagem mais indecifrável a expressão do reconhecimento por uma visita ou pedindo outras.

Fui ver também os nossos bons tucanos de *Esteio*. Alguns deles já tinham estado em *Pary-Cachoeira* e outros haviam de ir a Floresta aonde fomos tampem nós muito de manhãzinha para administrar um bom número de batismo. O capitão Caetano apresentou-me trems *Macus*, marido e mulher com um filhinho, todos três muito pequenos, magros, com o cabelo comprido e com cara de muito medo. Disse-me que tinha uns vinte como servos [criados], mas que receosos do *Pahy*, que havia de passar, se tinham escapulado, tornando aqueles três somente! Dei uma medalha a cada um, e roguei ao bom Caetano que lhes falasse e dissesse que o Missionário desejava unicamente o bem deles. Fizeram-me também aqui uma festinha, e o dia seguinte celebrei na *maloca* rodeado de índios, provando não poucas emoções. Assim que cheguei a *Uirapoço*, os meus pequenos amigos me conduziram á *maloca* e administrei nela 26 batismos. Como não houve festa nenhuma, pude gozar á noite de dois espetáculos, um da natureza, que foi uma noite bonita de luar nas faldas duma colina e debaixo dum céu equatorial: o outro foi a reunião de muitos índios debaixo dum só teto com o único pensamento de honrar ao Missionário. Foi grande a minha pena por não poder manifestar-lhe as minha ideias<sup>9</sup>, falando-lhes da Igreja, do Sumo Pontífice, dos Superiores, das nossas casas e do céu! Mas fica para a outra vez! Disse missa de novo na *maloca* no meio duma grande roda de Tucanos.

Chegados a *Parahyba-poço*<sup>10</sup>, como estivesse a chover e as estradas fôssem impraticáveis, o Sr. Manduca mandou dar um sinal: d'aí a uma hora apareceram três famílias, que apresentaram os seus meninos para que eu os batizasse, e me ofereceram um arco com algumas flechas.

O primeiro que saiu ao nosso encontro em *Tucano-Cachoeira* foi o nosso Joaquim, depois o *tuxaua* e á continuação um bom número de índios que foi aumentando á medida que nos aproximávamos á *maloca*, onde administrei o santo batismo.

<sup>9</sup> Não falava ainda o idioma dos índios.

<sup>10</sup> Poço do paraíba.

Ao dia seguinte partimos, depois de dita a missa que foi a última nas malocas e onde também tinha dito a primeira. O adeus ao último grupo de indígenas, repetido até perdermos de vista com o seu característico *eré*, foi também comovente.

Dez minutos depois estávamos nas cascatas mais perigosas do *Tiquié*. Vimo-nos obrigados a parar. Para contemplar melhor a manobra de descer o batel por entre os enormes penhascos[,] eu fui-me pôr sobre um escolho. Ataram-no primeiro com fortíssimas cordas; depois, tomando como ponto de apoio troncos de árvores entalados entre as rochas deixaram-no baixar pouco a pouco, resistindo sempre ao ímpeto da água, que doutra sorte se despedaçaria; o mesmo se fez com o vaporzinho. Esta difícil operação durou seis horas largas, mas saiu às maravilhas.

### **No Cayary e no Rio Negro – Paradas e batismos – Uma ninhada... de índios o “Jurupary”**

Viajamos toda a noite. Celebro a bordo pela manhã, e o mesmo faço no dia 16 antes de chegar a *Uaymi-igarapé*, onde administrei diversos batismos. Ao pouco tempo saíamos do *Tiquié* e entrávamos de novo nas águas do *Cayary*.

Estava ansioso de conhecer o lugar onde em outro tempo se levantou *Taraqúá*, que foi o centro das Missões começadas em 1880 e tão depressa acabadas em 1889 por aqueles zelosíssimos capuchinhos Fr. Venancio e Fr. Mateus. Indo sempre rio acima, ao cabo de meia hora chegamos lá. De veras que chorei ao ver como tudo desapareceu. Está em pé somente a capela e isto porque o Sr. Manduca a reedificou com o objeto de formar ao redor dela um núcleo de indígenas de boa vontade: objeto que todavia não se consegui, mas que se espera alcançar. Ao descer [o rio] fizemos vários altos como em *Tatapuaia*, *Umbaubá*, *Bela Vista*, *S. Pedro*, na casa de Sr. *João Alves*, em *Itapinin* afim de administrar alguns batismos.

Vimos em *Umbaubá* um tucano com barba: noto o caso, porque os tucanos são todos imberbes. Em *Bela Vista* tive o sumo prazer de administrar algumas primeiras comunhões, graças á piedade e ao zelo da Sra. Atalia, filha que é do Sr Manduca.

Outra vez no Rio Negro, paramos em *Sant’Ana*, *S. Felipe*, *N .S. das Graças* etc., etc. Tive o gosto de fazer doutrina em *Nheengatyú* a um bom número de meninos em *Uanadona*. A festa de S. Francisco de Sales, 29 de janeiro passei-a em casa do Sr. Alcides Rocha, que é um fervente cooperador, e do qual se serviu a Divina Providencia para me facilitar esta viagem.

Em *Uanadona* se estava para começar o tríduo da Purificação pelo mesmo molde das tão célebres festas de Marabitana, consistente em orações e reuniões religiosas, e em três noites de continua dança ao som alegre do *batuque*.

Mas, menos mal que tive de prosseguir o caminho ao primeiro dia! Passei aquela noite em casa de uma boa família venezuelana, onde preparei uma cápsula de quinina para um doente.

Recebidos em S. Marcelino com um repique de sinos e estalos de bombas, celebrei aí a festa da Purificação, administrando muitos batismos: o mesmo fiz em *Moke*, *Mabé*, *Macahá*, *Camixá* e *Coé-coé* nos dias seguintes. Tendo saído de *Coé-coé* ao meio dia do dia 4 de fevereiro, depois de meia hora enxergamos na margem esquerda uma pequena barraca que parecia desabitada; segundo o meu prop[ó]sito desci, fui lá e achei uma verdadeira ninhada de índios, que tinham vindo de Issana para trabalhar na borracha. Pobrezinhos! Estavam fora de si pela alegria! Vestidos á moda de Adão, me rodearam todos especialmente os rapazes; com duas palavras em *Nheengatú* nos puzémos logo em intelligencia. Ficaram sumamente contentes quando lhes disse que facilmente este ano lhes iria fazer uma visita no seu rio. Não me quiseram deixar ir embora sem aceitar um rico cesto de fruta selvática; e o adeus, que me

deram, trouxe-me á memória o de *Pary-Cachoeira*, aquele baixio animado...Que Deus confirme a benção que de coração lhes dei!

No dia 5 á tarde cheguei a *Amium*, onde achei a um antigo aluno de Bogotá, o Sr. Julio Neira, com quem passei a noite. O dia seguinte fomos a *Tipé* a fim de visitar uma enferma e batizar a vários rapazes; entre outros a dois filhinhos do Sr. *Numa Pompeu* Peinado, Inspetor da Região.

Cumprimento de passo o Sr. Feliciano Prado, fômos a *Guía*, passamos por, *Serrinha*, onde cumprimentamos também a Sra. Romana Aragão, e entramos em *Carayurú* onde há uma boa família de índios civilizados. Dirigimo-nos daqui a Colombo, na margem esquerda, de frente de S. Filipe, onde o nosso ótimo benfeitor [benfeitor] Sr. Salvador Garrido tem a sua casa de campo. A's 16 éramos outra vez hóspedes do Sr. Gerimão, com quem passamos três dias á espera dos que se haviam de batisar e crismar: o tempo, que decorreu , passámo-lo em amenas conversas sobre língua, historia e geografia destas terras.

No dia 6 depois da missa e dado o adeus com os agradecimentos mais cordiais aos nossos benfeitores de S. *Felipe*, partimos para Bautá, fazendo paragem em muitos pontos para chegar a alta noite a *Umiry*. Como não achei casa onde dormir, estendi a minha rede ao sereno, e ao outro dia pela manhã fizemos caminho de *Yapuna-capoamo* e da ilha *Ituin* não sem, porém, baptizar a vários meninos trazidos de muito longe.

Seguiram depois os dias de calor equatorial: nas horas de mais soalheira de um deles acampamos na margem do rio, e nas do outro na floresta.

Em Caranguejo, como era domingo, disse missas diante dum número discreto de pessoas, administrando a seguir o batismo a muitas creanças e a uma india adulta.

Chegado á boca da noite a Paranyry á casa do Sr. José Tavares Figueiredo, me aguardava uma surpresa. Ouvi o ronco grosso de uma trompa mais o de outros instrumentos...tive dúvidas ao principio, mas fiquei certo depois. Eu do Rio Negro e Jurupary da floresta oposta nos dirigíamos ambos para o mesmo centro: a casa do Sr. Figueiredo! Depois de nos termos evadido para duas malocas e em Cabary onde o tinham feito na noite anterior, chegava a encontrá-lo ás portas de S. Gabriel com a agravante de não poder fugir-lhe, pois que a noite não permitia continuar a viagem sem perigo de naufragar. Soube, porém, que a representação era de pessoas de família, empregados e trabalhadores da casa, e por conseguinte feita com toda a decência. Tive apenas tempo de cumprimentar o amo e as senhoras: estas retiraram-se precipitadamente, fechando todas as portas e janelas. No meio duma noite escura e com as luzes apagadas chega o Jurupary: se bem isento da pena de morte, posso confessar que não pude ver a tão terrível trompa. Mas ouvi o som áspero e cavernoso, e descobri nas sombras algumas pessoas que pousaram um não sei que em frente das casas: aqui dançaram um bocado, e depois desapareceram com certeza que não estavam condenadas á morte. Meteram outra vez dentro de casa os cestos de fruta que tinham posto lá fora, e deu-se começo á função dando e recebendo amigavelmente vergastadas. Ato seguido formou-se a dança. Cada homem tinha na mão direita um instrumento de música feito de bamba bastante comprido e incómodo ao passo apoiava o braço esquerdo sobre o ombro direito do vizinho. O som de poucas notas e a dança com uns poucos de passos para a frente e de flanco com precisão tal de não permitir sequer um instante de descanso aos músicos e aos dançantes é uma cousa aborrecida e enfadonha mesmo para os que assistem! Que não será para aqueles que tomam parte ativa?... Contudo [contudo] acham tão grande satisfação, que são capazes de fazê-lo toda a noite! Não faltaram os celebrados refrescos, que são parte não digo só integrante mas ainda necessária em todas as festas nestes países cálidos.

Retirei-me para repousar, e, como não havia *batuque*, pude dormir ricamente: adverti depois da meia noite que a dança já tinha acabado.

Comentado [1]:

O dia 12 pela manhã, depois da missa, administrei alguns batismos, e pouco depois tornava a ver os nossos queridos irmãos de *S. Gabriel*<sup>11</sup>, todos cheios de saúde, mas já ansiosos da minha volta. Domingo, com acompanhamento de *harmonium* que por aqueles dias tinha chegado, cantamos um *Magnificat* em ação de graças a Maria Auxiliadora, com cuja proteção começara e acabara a minha primeira Missão.

### **Necessidade da Missão – Escolas e catecismos – Estudo de Nheengatú – É preciso um vaporzinho**

Eis, venerado e amado Padre, a narração um pouco prolixa, porém, fiel dos dois meses que passei entre civilizados e selvagens. Por ela pode V. Rev[erên]cia. Fazer ideia da nossa situação nesta Prefeitura Apostólica incipiente; situação *boa*, relativamente ao estado sanitário, á harmonia com as autoridades e á simpatia do povo: situação *difícil* para conquistar palmo a palmo o terreno, pelejando contra os males causados pela ignorância e o abandono em que este país jazeu até ao presente: situação *difícil* entre os selvagens, pela escassez de pessoal e de meios pecuniários.

Estou mais que persuadido de que:

1. A salvação tanto dos civilizados como dos habitantes das florestas está na juventude instruída e educada em todo género de escolas e de Catecismos permanentes e ambulantes.
2. Para realizar esta Missão educativa havemos de conhecer e falar a Língua geral.
3. Por mil razões de ordem físico, espiritual, pessoal e social da Missão necessitamos quanto antes de um vaporzinho, ao qual, por ter de levar o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo ás aguas dos afluentes e confluente do Rio Negro, eu poria o nome de “Cristóvão”.

Para atender ao primeiro ponto, abrimos na medida das nossas posses um Oratório Festivo, um pequeno *externato* e uma espécie de *Escola Agrícola* aqui em *S. Gabriel*, centro da Missão.

Respeito ao segundo pensamos fazer uma pequena *Gramatica Luso-Nheengatú* para nós e par os nossos alunos.

Para levar a fé aos infieis digna, pronta e eficazmente necessitamos o que já dissemos e esperámo-lo da generosidade dos nossos Bem-feitores.

Amado Padre ao beijar-lhe a mão permita que lhe peça uma benção especial para os seus filhos do Rio Negro, distantes com o corpo, muito á beira porém, como o coração, e outra de todo especial para o que se professa.

De V. Rev[erên]cia in corde Jesu Filho af[eiçoa]do e hu[mil]de

Mons. Lourenço G[iordano]

---

<sup>11</sup> Irmãos de S. Gabriel:

1917 – Prefeito Apostólico, Monsenhor Lourenço Giordano. Diretor, P. João Balzola (1861 – 1927).

1918 – Monsenhor Lourenço Giordano, P. J. Balzola, Irmãos leigos Miguel Blanco (faleceu em Jauareté aos 15 de outubro de 1968 com 79 anos) , Raimundo Marti.

P. J. Balzola foi fundador e primeiro diretor da Missão do Rio Negro, fundador das Casas de S. Gabriel, Taracua e Barcelos. No ASC encontram-se 8 fascículos com várias documentações sobre o valoroso missionário.